

A BIBLIOTECA E O QUOTIDIANO*

Memórias, afectos e algumas banalidades

HENRIQUE M. BARRETO NUNES

BIBLIOTECA PÚBLICA DE BRAGA

Era uma vez...

Já foi há muito tempo, lembro-me vagamente, tinha aí uns 4 anos...

O meu pai precisava de ir à Biblioteca Pública e levou-me com ele

Era um lugar escuro e solene, havia um senhor com ar sério, eu tive que ficar sossegado num canto, sem falar nem mexer, enquanto o meu pai consultava um livro.

De qualquer modo fiquei impressionado, talvez fascinado.

Que livros seriam aqueles, tão diferentes dos que eu tinha em casa? Para que serviriam, com aquelas capas pesadas, as lombadas de couro muito direitas e alinhadas nas estantes de madeira? E sentia-se um cheiro estranho, a antigo...

Pensei para comigo que havia de voltar lá, quando fosse maior.

Já andava há alguns anos na escola quando, um dia, a professora nos levou à Biblioteca.

Era uma sala diferente daquela que eu tinha visitado, mais clara, mais alegre, com alguns livros que eu conhecia, também muito arrumadinhos nas estantes.

A senhora que lá estava — soube que se chamava bibliotecária — era nova e simpática. Disse-nos que podíamos ler naquela sala os livros que quiséssemos, mas tínhamos que lho pedir e escrever os nossos nomes nuns cartõezinhos que tinha na secretária.

93

* Texto da comunicação apresentada ao Segundo Encontro Luso-Espanhol de Bibliotecas Públicas, realizado em Espinho em Maio de 1989.

Ela ajudava-nos a escolher, aconselhava-nos, dizia como devíamos tratar os livros e até nos prometeu que um dia nos iria contar histórias de alguns dos livros que lá tinha.

Assim, comecei a gostar de ir à biblioteca e descobri que os livros me divertiam, faziam sonhar, punham a minha imaginação a funcionar.

Ri-me com as asneiras do João Pateta, voei com o Peter Pan, vi crescer o nariz do Pinóquio quando mentia.

Dancei com a Gata Borralheira, até à meia noite, na noite em que ela perdeu o sapatinho, mas foi pela Bela Adormecida que estive apaixonado.

Chorei, ao lado dos 7 anões, quando a Branca de Neve foi envenenada, fiquei muito triste com a morte do Soldadinho de Chumbo e da Bailarina.

Era muito valente, aliás fui eu quem matou o lobo mau que queria comer o Capuchinho Vermelho e também ajudei o engenhoso cavaleiro D. Quixote de La Mancha a lutar contra os moinhos de vento.

Desse tempo conservo ainda alguns amigos que sempre me têm acompanhado: o rezingão do Pato Donald, o valente reporter Tintin e o irracional Asterix, que me ajuda sempre que estou em apuros.

94

Cresci.

Fui um herói de 15 anos. Passei dois anos de férias numa ilha misteriosa, mas para lá chegar percorri vinte mil léguas submarinas.

Dei a volta ao mundo em 80 dias, fiz uma viagem ao centro da terra e depois fui à lua, andando cinco semanas em balão.

Acompanhei Lagardère, combati ao lado dos 3 mosqueteiros, fugi da ilha de If com o Conde de Monte Cristo, naveguei no mar das Caraíbas com o Corsário Negro.

Naufraquei com Robinson Crusoe, cavalguei no Far West ao lado de Búfalo Bill, ajudei Sherlock Holmes a decifrar um crime misterioso.

Assim sonhei, assim vivi outras vidas, outras aventuras ao lado destas personagens maravilhosas que, para sempre, ficaram nos esconderijos da minha memória.

O tempo foi passando, continuei a crescer...

Comecei a precisar de ir à Biblioteca para estudar ou para

aprender mais.

Lembro-me que uma vez o meu professor de História me mandou fazer um trabalho sobre a cidade romana que tinha estado na origem daquela em que eu habitava.

O professor não me deu qualquer orientação, mas na Biblioteca ajudaram-me: deram-me para ler alguns livros sobre a história da cidade e sobre as descobertas arqueológicas que ao longo dos séculos lá se tinham feito.

O bibliotecário aconselhou-me a ir ao museu da cidade, a falar com os arqueólogos e a visitar as ruínas que ainda existiam. Assim recolhi uma imensa informação e graças ao apoio da Biblioteca fiz um trabalho excelente.

Passei a comprar livros regularmente, já que eles desde sempre fazem parte da minha existência, mas continuei a frequentar a Biblioteca e a ler de tudo, desde «A Bola» aos clássicos, que comecei a descobrir ou aos novos autores, que diziam coisas diferentes e importantes.

Conversava com as pessoas que iam à Biblioteca e gostavam de ler. Um dia até me apaixonei por uma rapariga que lá conheci e assim os dois descobrimos alguns poetas que sabiam dizer melhor que nós aquilo que sentíamos (e nunca poderei esquecer a história do Príncipezinho e da Raposa...).

A Biblioteca é um lugar de encontros e desencontros, os livros aproximam as pessoas e podem mesmo ajudar a combater a solidão.

Como disse, também lá ia ler jornais. Lembro-me de como vibrei com a descrição dos golos do Eusébio no Mundial de 66 e com o relato dos primeiros passos do Homem na Lua, mas não li nada sobre a greve dos estudantes de Coimbra em 1969.

E foi num jornal que soube da morte de um amigo na guerra, em África.

Era no tempo em que Manuel Alegre, pela voz do Adriano, dizia «Pergunto ao vento que passa / notícias do meu país / o vento cala a desgraça / o vento nada me diz»

Numa manhã clara de Abril, o velho regime caíu, chegou a liberdade, o país começou a mudar.

Durante uns tempos não fui à biblioteca — a vida estava na rua.

Depois, naturalmente, regressei. Havia uma urgência enorme de conhecimento, de informação, de aprofundar as coisas. Aliás, vivia-se numa época de deslumbramento, com a explosão de

documentação então verificada, que a eliminação de censura fazia aumentar.

A leitura, o recurso à Biblioteca, tornaram-se cada vez mais num hábito, numa necessidade e num prazer que nada podia suprir.

Iam aparecendo novos livros, novos autores, novos temas até então proibidos, uma imensa variedade de jornais, cada qual com a sua versão sobre os acontecimentos. A liberdade de expressão pode encontrar nas bibliotecas uma força poderosa para dar a todos a possibilidade do acesso a toda a informação.

Com as tentativas de democratização cultural que então se verificaram, a minha Biblioteca foi-se modificando: começaram a haver muitos mais livros, revistas e jornais e a sua consulta foi facilitada. Na sala de leitura e numa outra sala então criada colocaram-se novas estantes e os leitores passaram, eles próprios, a ter o acesso e a poder escolher os livros que lhes interessavam. Pouco depois foi permitido o empréstimo, as pessoas liam como, quando e onde queriam. A seguir surgiram discos, cassetes e diapositivos. Até já se fala em vídeo...

A Biblioteca começou a realizar exposições sobre temas interessantes, encontros com escritores, recitais de poesia, debates, etc. que atraíam novos leitores e motivavam os mais antigos.

Abriam-se novos horizontes para os utilizadores da Biblioteca, quer quanto à informação disponível, quer quanto aos suportes existentes.

96

Recordo-me, p.ex., que um dia li no jornal que a «Guernica» ia regressar a Espanha, ao Museu de Prado. Confesso que não sabia o que era a «Guernica». Recorri, como de costume, à Biblioteca e o bibliotecário mostrou-me logo uma gravura e diapositivos que a reproduziam, indicou-se alguns livros sobre a vida e a obra de Picasso e até me emprestou uma cassete-vídeo com uma entrevista com o pintor, onde este explicava o quadro e o seu significado.

Da mesma maneira, quando temas como a SIDA, a adesão à CEE ou os novos impostos passaram a estar na ordem do dia, encontrei na Biblioteca a informação de que precisava.

*São publicados constantemente novos livros, que estão bastante caros. Não se pode comprar tudo mas, felizmente, a Biblioteca vai-se actualizando com regularidade e assim encontro lá sempre as últimas novidades, pouco tempo depois de saírem: ainda há pouco percorri, com Onofre Bouvila, a Barcelona da transição do século (**A cidade dos prodígios**, de Eduardo Mendoza), agora ando a ler o último Saramago (**História do cerco de Lisboa**), enquanto*

*aguardo que o **Pêndulo de Foucault**, do U. Eco seja adquirido. E parece que já há lista de espera para a tradução dos **Versículos satânicos**...*

Tenho um filho com 3 anos e quando vou à Biblioteca posso levá-lo comigo. Existe lá um espaço próprio para as crianças da idade dele, onde pode ver e mexer à sua vontade em livros cartonados, resistentes, cheios de cores e formas atraentes, sem ser alvo de qualquer olhar intimidatório ou avisos traumatizantes.

Li no boletim da Biblioteca que esta em breve será informatizada e ligada à PORBASE (Base Nacional de Dados Bibliográficos). Parece que com isso vai ser possível saber se determinado livro existe no país, em que biblioteca se encontra e se pode ser emprestado. É um progresso notável, que vai pôr a minha Biblioteca em contacto directo com todas as outras.

*Há dias comemorou-se o 15.º aniversário do 25 de Abril: quis recordar o que se passou. Na Biblioteca havia alguns dossiers com fotocópias e recortes de jornais da época, um disco com uma reportagem sobre o acontecimento, que começava com a voz do José Afonso (**Grândola, Vila Morena**) e uma apreciável quantidade de livros, uns a favor, outros contra, que me permitiram confrontar as minhas ideias e recordações com as opiniões dos outros e tirar algumas conclusões.*

A Biblioteca é, efectivamente, um espaço de liberdade.

97

Esta viagem imaginária através da vida de um utilizador ideal da biblioteca ideal, permite-nos reflectir sobre o modo como a B.P. pode e deve satisfazer as necessidades culturais, de informação e de ocupação de tempos livres de um qualquer cidadão em todas as etapas da sua vida.

As bibliotecas que procuramos criar poderão transformar-se no principal centro cultural da vida de uma comunidade, dispondo de todos os suportes de informação, beneficiando de todas as técnicas de comunicação e estando abertas a todas as manifestações criadoras do espírito humano. Qualquer cidadão poderá encontrar na diversidade dos fundos, qualquer que seja o seu suporte, que a Biblioteca Pública põe à sua disposição, todos os elementos de informação, de formação e de puro divertimento que o ajudarão a melhorar a sua qualidade de vida e tornar mais activa e útil a sua participação na sociedade.

Procurando atingir todas as camadas da população, a biblio-

teca terá que saber preencher o quotidiano das pessoas, oferecendo o mais vasto leque de respostas à enorme variedade de questões que lhe podem ser postas.

Sabe-se que o cidadão comum, que já não possui ligações institucionais com estabelecimentos de ensino ou com entidades culturais, raramente consegue, por si só, satisfazer plenamente as suas necessidades culturais, de informação ou de auto formação. Ora, para este cidadão, a B.P. será o único lugar que pode ajudá-lo a responder positivamente aos numerosos problemas que lhe coloca a sociedade em que vive, sempre em contínua transformação.

É importante salientar e reivindicar este papel cultural único que apenas a B.P. pode desempenhar, porque lhe compete recolher e divulgar a informação em todos os domínios, a documentação de base do cidadão e as manifestações de actividade criadora do homem, nomeadamente no campo literário.

Nesta perspectiva, nós bibliotecários temos de tentar transformar as bibliotecas públicas num equipamento essencial à vida de uma comunidade.

Para muitos cidadãos, a Biblioteca constitui a única fonte de informação não manipulada que lhes é acessível.

Para outros, qualquer que seja a sua origem social, nível de educação, idade ou sexo, a utilização da Biblioteca é o único meio de que dispõem para continuarem a sua formação ou actualizarem os seus conhecimentos.

98

Para a grande maioria da população é a única forma de, gratuitamente, ter acesso a certos bens culturais e ocupar os seus tempos livres de uma maneira agradável e útil, aproveitando os seus recursos para o divertimento e a descontração.

A biblioteca pública revela-se assim o único local onde simultaneamente qualquer cidadão pode ler o livro que lhe agrada, folhear os jornais e revistas mais recentes, ouvir discos de todos os géneros, apreciar video-filmes variados, visitar exposições, conversar com um escritor, participar num debate, assistir a uma conferência ou a um recital.

Nunca é demais repetir que as bibliotecas, para atingirem estes objectivos, devem dispor de locais adequados, com boas condições de acolhimento e de orientação dos leitores e com todos os serviços essenciais a funcionarem harmoniosamente.

Para tal, devem também possuir técnicos com formação profissional qualificada, com um conhecimento profundo da produção editorial do seu país e dos fundos que a biblioteca possui e que ele

ajuda a constituir. Estes fundos deverão ser enciclopédicos, pluralistas, constantemente actualizados e acessíveis aos diversos tipos de público que a biblioteca quer atingir.

O problema dos fundos documentais de uma biblioteca merece-nos aliás uma reflexão especial.

É sabido em todo o mundo que as bibliotecas ainda não conseguem atingir largas camadas de população e que não basta a simples abertura de um novo equipamento para conquistar novos tipos de leitores.

Os bibliotecários e os especialistas da sociologia da leitura reconhecem que ainda existem inúmeros obstáculos que impedem a utilização das bibliotecas, sobretudo por parte das populações culturalmente mais desfavorecidas - menos informadas, de menor escolaridade, com menos necessidades ou anseios de ordem cultural.

Diversas soluções têm sido propostas ou experimentadas, desde actividades de animação inovadoras (que, por vezes, levam a uma grande distanciação do livro e da leitura), até à tentativa de valorização das colecções, através de novos tipos de sinalização e apresentação dos livros ou do recurso a técnicas de classificação diferentes das clássicas. Os próprios critérios de constituição das colecções têm evoluído, de modo a possibilitar a conquista de públicos mais heterogéneos, para quem a leitura, não sendo uma prática esquecida, se reveste de características especiais que nós, muitas vezes, devido à nossa formação intelectual, desprezamos ou mesmo ignoramos.

Também não devemos esquecer, como diz a Associação dos Bibliotecários Franceses, que as «colecções das bibliotecas devem, simultaneamente, reflectir a riqueza da produção contemporânea e respeitar as aspirações e os hábitos de leitura de todas as camadas da população. A neutralidade dos fundos das bibliotecas não consiste em censurar todas as correntes ideológicas ou estéticas, todas as opções sociais, políticas ou religiosas, mas em permitir a sua confrontação».

O respeito pelo pluralismo e variedade da informação, a consideração pela diversidade de opiniões (ou de opções de leitura) são obrigações que a biblioteca, como serviço público universal que é, deve sempre respeitar.

Mas, na constituição dos fundos, há aspectos que estão a merecer cada vez maior atenção.

Por ex., os bebés, a partir pelo menos dos 3 anos, começam a

ter direito a um espaço próprio na biblioteca, a uma atenção especial e a dispôr de albuns- que começando por ser objectos, imagens, os vão familiarizando com os caminhos que conduzem à leitura, que poderão um dia torná-los «dependentes» da leitura.

Também da existência de um **Fundo Local** extremamente rico, diversificado quanto aos suportes e bem organizado, pode depender o êxito de uma biblioteca. Cada vez é maior o número de leitores e de cidadãos interessados em conhecer pormenores sobre a comunidade em que vivem, quer quanto às suas origens, ao seu passado, ao seu património, às suas figuras de relevo, quer quanto à informação sobre a actualidade. Todas estas questões poderão ser respondidas através de existência de um Fundo Local de constituição multifacetada e de acesso facilitado, para o qual existem inúmeros utilizadores potenciais.

Julgo não restarem dúvidas de que, para além da sua localização, acessibilidade, da variedade e funcionalidade dos serviços, a opinião que cada leitor tem da sua biblioteca, a utilização que dela faz e a regularidade com que a ele recorre — uma prática quotidiana — dependem essencialmente da composição das suas colecções e da diversidade dos seus suportes de informação.

Neste momento, em Portugal, é um dado adquirido que o Estado já reconheceu que cada cidadão, qualquer que seja o local em que habite, a formação educacional que possua, o estatuto social que apresenta, tem direito a beneficiar da existência dos serviços de uma rede de leitura pública.

As autarquias, de uma maneira geral, souberam responder ao desafio que lhes foi lançado pela SEC em 1987.

O programa de criação de uma rede de leitura pública está efectivamente em marcha.

O apoio técnico-financeiro garantido pelo IPLL tem sido concretizado, mas o acompanhamento dos trabalhos — o possível nas circunstâncias actuais — tem de ser mais efectivo e dinamizado, para evitar a algumas autarquias a tentação do desvio dos compromissos assumidos.

Porém, a política integrada de desenvolvimento da leitura pública hoje em vigor não pode terminar quando o período de vigência dos contratos-programa chegar ao fim.

O Estado não poderá descurar, dada a realidade sócio-cultural do país, as responsabilidades que assumiu e deverá continuar a apostar na cobertura total do país por uma rede de bibliotecas, sem esquecer, logo à partida, as redes concelhias, constituídas por

anexos ou bibliotecas móveis.

Deverão ser procuradas novas formas de apoiar e incentivar os municípios cujas bibliotecas se tenham inserido, de uma maneira indelével, no quotidiano das populações, mas deverão também encontrar-se as razões porque determinados equipamentos não virão a conseguir a implantação esperada.

Também terá que se procurar impedir que a inércia e a acomodação — porque já existe uma biblioteca! — se instalem.

Terão de ser efectivamente definidas as acções de cooperação a concretizar, desde a relação com a PORBASE e o INFOLIVRO até a divulgação da bibliografia especializada e das normas sobre documentação, passando pela generalização do empréstimo — sem receios — inter-bibliotecas, pela promoção de actividades de formação — e tanto delas necessitamos, não só nos aspectos técnicos como p. ex., no conhecimento aprofundado da produção editorial do país ou de domínios específicos da literatura, — pela realização conjunta e itinerância de actividades de animação (exposições, encontros com escritores, recitais), etc.

Tudo isto para reter, conquistar, atrair, motivar a população a utilizar a biblioteca e a beneficiar dos imensos recursos que ela oferece.

Houve efectivamente um enorme investimento financeiro e humano, uma aposta decidida na democratização cultural deste país, feita pela SEC e por inúmeras autarquias, que não se pode perder.

Talvez assim, com bibliotecas a funcionarem verdadeiramente para toda a população e com uma real e efectiva influência no seu quotidiano, se possa concretizar a aspiração de Fernando Pessoa quando dizia:

«Ah, não ser eu toda a gente e toda a parte».

Nas bibliotecas com que sonhamos e que procuramos criar, organizar e animar, qualquer cidadão poderá ser «toda a gente e toda a parte».

Bibliografia

- ALVAREZ, José Carlos; BARRETO, Rosa — **Informática e novas tecnologias nas bibliotecas municipais** [Comunicação não publicada, apresentada ao 2.º Encontro Luso-Espanhol de Bibliotecas Públicas, Espinho, 1989]
- ASSOCIATION DES BIBLIOTHÉCAIRES FRANÇAIS — **Faut-il censurer les collections des bibliothèques pour la jeunesse?** «Bulletin d'Information de l'A. B. F.», Paris, 134, 1987, p. 40
- FRANÇA, Direction du Livre et de la Lecture — **Objectif lecture**. Paris, D.L.L., 1988
- GASCUEL, Jacqueline — **Um espaço para o livro: como criar, animar ou renovar uma biblioteca**. Lisboa, D. Quixote, 1987
- MOURA, Maria José — **Plano nacional de leitura pública** [Comunicação não publicada, apresentada ao 2.º Encontro Luso-Espanhol de Bibliotecas Públicas, Espinho, 1989]
- NUNES, Henrique Barreto — **A biblioteca e a memória da vida local** [no prelo]
- PORTILHEIRO, Joaquim Macedo — **A aquisição dos fundos bibliográficos numa biblioteca municipal** [Comunicação não publicada, apresentada ao 2.º Encontro Luso-Espanhol de Bibliotecas Públicas, Espinho, 1989]
- PATTE, Geneviève — **Laissez-les lire! les enfants et les bibliothèques**, 2.º ed., Paris, Les Editions Ouvrières, 1988

